

Eis que o semeador saiu a semear.

Mateus
13:3

Semeadores

Todo ensinamento do divino Mestre é profundo e sublime na menor expressão. Quando se dispõe a contar a Parábola do Semeador, começa com ensinamento de inestimável importância que vale relembrar.

Não nos fala que o semeador deva agir utilizando-se do contrato com terceiras pessoas, e sim que ele mesmo saiu a semear.

Transferindo a imagem para o solo do espírito, em que tantos imperativos de renovação convidam os obreiros da boa vontade à santificante lavoura da elevação, somos levados a reconhecer que o servidor do Evangelho é compelido a sair de si próprio, a fim de beneficiar corações alheios.

É necessário desintegrar o velho cárcere do “ponto de vista” para nos devotarmos ao serviço do próximo.

Aprendendo a ciência de nos retirarmos da escura cadeia do “eu”, excursionaremos pelo grande continente denominado “interesse geral”. E, na infinita extensão dele, encontraremos a “terra das almas”, sufocada de espinheiros, ralada de pobreza, revestida de pedras ou intoxicada de pântanos, oferecendo-nos a divina oportunidade de agir em benefício de todos.

Foi nesse roteiro que o divino Semeador pautou o ministério da luz, iniciando a celeste missão do auxílio entre humildes tratadores de animais e continuando-a com os amigos de Nazaré e os doutores de Jerusalém, os fariseus palavrosos e os pescadores simples, os justos e os injustos, ricos e pobres, doentes do corpo e da alma, velhos e jovens, mulheres e crianças...

Segundo observamos, o semeador do Céu ausentou-se da grandeza a que se acolhe e veio até nós, espalhando as claridades da Revelação e aumentando-nos

a visão e o discernimento. Humilhou-se para que nos exaltássemos e confundiu-se com a sombra a fim de que a nossa luz pudesse brilhar, embora lhe fosse fácil fazer-se substituído por milhões de mensageiros, se desejasse.

Afastemo-nos, pois, das nossas inibições e aprendamos com o Cristo a “sair para semear”.

(Fonte viva. Ed. FEB. Cap. 64)

Auxiliar

Auxiliar, amparar, consolar, instruir!...

Para isso, não aguardes o favor das circunstâncias.

Jesus foi claro no ensinamento.

O semeador da parábola não esperou chamado algum.

Largou simplesmente as conveniências de si mesmo e saiu para ajudar.

O Mestre não se reporta a leiras

adubadas ou datalhões escolhidos. Não menciona temperaturas ou climas. Não diz se o cultivador era proprietário ou rendeiro, se moço no impulso ou amadurecido na experiência, se detinha saúde ou se carregava o ônus da enfermidade.

Destaca somente que ele partiu a semear.

Por outro lado, Jesus não informa se o homem do campo recebeu qualquer recomendação acerca de pântanos ou desertos, pedreiras ou espinheirais que devesse evitar. Esclarece que o tarefeiro plantou sempre e que a penúria ou o insucesso do serviço foi problema do solo beneficiado e não dos braços que se propunham a enriquecê-lo.

Saibamos, assim, esquecer-nos para servir.

Não importa venhamos a esbarrar com respostas deficientes da gleba do espírito, às vezes desfigurada ou prejudicada pela urze da incompreensão ou pelo cascalho da ignorância. Ideia e trabalho, tempo e conhecimento, influência e dinheiro são

possibilidades valiosas em nossas mãos.
Todos podemos espalhá-las por sementes
de amor e luz.

O essencial, porém, será desfazer o
apego excessivo às nossas comodidades,
aprendendo a sair.

*(Livro da esperança. Ed. Comunhão Espírita
Cristã. Cap. 52)*

Palavra ao sementeador

Sementeador da vida, semeia a boa
semente.

Os corações na Terra assemelham-se,
muitas vezes, à própria terra.

Não amaldiçoarás o deserto porque exiba
espetáculos de secura.

Dar-lhe-ás o consolo da fonte.

Não esmagarás os próprios dedos nas
pedras do campo.

Removerás o empecilho, amparando a
eira.

Não impedirás a lama do charco.

Alongarás ao pântano o socorro do dreno
amigo.

Não agredirás o espinheiro.

Auxiliarás, feliz, a limpeza da gleba.

Nos caminhos do mundo, há muita gente
também assim.

Almas ressecadas na ignorância,
enrijecidas na indiferença, atormentadas na
sombra, perdidas na crueldade...

Não reclames, nem condenes.

Estende as mãos a serviço do amor e
tanto quanto possível, semeia sempre.

Não exijas, porém, que o fruto chegue
hoje.

Primeiro, o suor do trabalho e a semente
no solo.

Depois, a defesa laboriosa e a verdura
tenra, pedindo apoio.

Mais tarde, no entanto, surpreenderás,
jubilosamente, a alegria da flor e a bênção

do pão.

(Bênçãos de amor. Ed. Cultura Espírita União. Cap. "Palavra ao sementeiro")

Ante o campo da vida

(Chico Xavier pede licença. Ed. GEEM. Cap. 4)¹³¹

Semeia, semeia...¹³²

Cada coração do caminho é comparável a trato de terra espiritual.

Muitos estarão soterrados no pedregulho dos preconceitos, ao pé de outros que se enrodilham no espinheiral da ilusão, requisitando tempo enorme para se verem livres.

Entretanto, reflete na terra boa, lançada ao desvalimento.

É aí que todos os parasitos geradores da inércia se instalam, absorventes!... Terras abandonadas, terras órfãs!... Criaturas que anseiam pelo adubo da fé, almas que

suplicam modesta plantação de esperança e conforto!...

Esses solos desprezados, muita vez, te buscam, fronteiros... Descerram-se-te à visão, na fadiga dos pais que a dor imanifesta suplicia e consome; no desencanto dos companheiros tristes que carregam no peito o próprio sonho em cinza; no problema do filho que a revolta desgasta; na prova dos irmãos que sorriem, chorando, para que lhes não vejas os detritos de angústia...

Se já podes ouvir o excelso Sementeiro, semeia, semeia!...

Sabes que a caridade é o sol que varre as sombras; trazes contigo o dom de esparzir o consolo; podes pronunciar a palavra da bênção; consegues derramar o que sobra da bolsa, transformando a moeda em prece de alegria; guardas o braço forte que levanta os caídos; teus dedos são capazes de recompor as cordas que o sofrimento parte em corações alheios, afinando-as no tom da música fraterna; reténs o privilégio de repartir com os nus a roupa que largaste;

nada te freia as mãos no socorro ao doente;
ninguém te impede, enfim, de construir na
estrada o bem para quem passa e o bem dos
que virão...

Não te detenhas, pois, no vazio das
trevas!...

Planta a verdade e a luz, o júbilo e a
bondade.

Se percebes a voz do excelso Semeador,
escutá-lo-ás, a cada passo, rente aos
próprios ouvidos, a dizer-te, confiante:

— Trabalha, enquanto é tempo, e semeia,
semeia!...

(Reformador, jan. 1964, p. 9)

O semeador saiu

Plantar o bem e estendê-lo sempre.
Para isso, agir e servir são imperativos da
natureza espiritual.

Convém lembrar, no entanto, que a
sementeira não se realiza em talhões
recamados de ouro.

O semeador lidará com a terra.

Após arroteá-la, na maioria dos casos,
precisará irrigá-la e, por isso, conviverá com
o barro do mundo.

Enquanto prepara ninho às sementes,
não evitará resquícios de poeira e lama, lodo
e adubo nas próprias mãos.

Aguardará com interesse a germinação
das esperanças que se lhe consubstanciam
nas plantas nascentes. E, em seguida, os
cuidados se lhe redobram.

Indispensável acompanhar a influência
do calor e da umidade, preservar a lavoura
iniciante contra a incursão de pragas
invasoras, observar as alterações do tempo
e garantir as condições de êxito à plantação,
até que surja a colheita dos frutos.

Idêntica situação no mundo ainda é a de
todos os cultivadores da seara do bem.

Designados para o lançamento das
ideias alusivas à renovação espiritual, quase
sempre, são impelidos a suportar o contato
das glebas difíceis da incompreensão

humana.

Não encontram caminhos aplainados para a comunicação com os padrões preestabelecidos da cultura terrestre e, frequentemente, se obrigam a tolerar obstáculos e reações negativas.

Servirão com devotamento às ideias novas. No entanto, a seara da verdade e da elevação somente lhes surgirá no futuro, em plenitude de beleza e de luz.

Assevera-nos Jesus, o Cristo de Deus: “e o semeador saiu a semear...”

Isso equivale a dizer que o semeador saiu de si mesmo, a desvencilhar-se de todas as concepções de separatividade e egoísmo, a fim de auxiliar e compreender, trabalhar e servir, amar e tolerar, com esquecimento de si mesmo para a vitória do Bem.

(Paz. Ed. Cultura Espírita União. Cap. 6)

¹³¹ Vide nota 9, p. 27.

¹³² Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Opinião espírita*. Ed. Boa Nova. Cap. 42, com pequenas alterações.